

The background of the cover is a painting in a warm, yellowish-green palette. It depicts a scene of a flood. In the lower half, a turbulent river flows, with a large log floating in the water. On the right bank, a woman in a green dress is running, carrying a child on her back. The upper half of the image is filled with a dense flock of birds in flight, their dark silhouettes contrasting against the lighter sky. The overall mood is one of urgency and survival.

O rosto de Terry surgiu na janela
de trás do carro, que, com meu filho
dentro, foi arrastado pela água

Dilúvio no córrego Kockatea

PAT MILLS, segundo ROSEMARY MUNDAY

RECENTEMENTE, quando limpava uma gaveta cheia de cartas velhas e de recordações, encontrei um pedaço de papel amarrotado: um mapa mal desenhado indicando pegadas de criança no mato. Preso nele, um recorte de jornal amarelecido, com o retrato de uma criança. Sustive a respiração, à medida que o passado voltava...

A brisa fresca do mar raramente atinge nossas planícies queimadas pelo sol, a 140 quilômetros da cidade litorânea de Geraldton, na costa oeste australiana, e o 2 de março de 1963, um sábado, foi daqueles dias terrivelmente calmos e quentes. De boa vontade aceitei a oferta de Ken, meu marido, para tomar conta de Paula, de nove anos, enquanto eu levava nossos dois filhos à piscina em Mullewa, a cidade mais próxima, a 39 quilômetros. Estávamos na piscina havia apenas algumas horas (Terry, de cinco anos, e David, de três, brincavam felizes na água), quando comecei a notar nuvens negras se formando para o lado sul. Tive pena de acabar com a

alegria dos garotos mas, de repente, senti-me muito assustada.

Como a maioria das pessoas que vivem em fazendas isoladas nas regiões de pastoreio e trigais, eu desejava uma trovoada benigna naquela época: traria chuva fertilizante, lavaria os ares e amaciaria o terreno para a lavoura. Na última semana, tinha havido tempestades e chuvas torrenciais nas regiões vizinhas. Tínhamos escapado, mas agora eu sabia que era preciso chegar em casa o mais depressa possível.

Pelas 17:30, o céu estava negro e, ao longe, os relâmpagos rasgavam o horizonte.

Pisei no acelerador, mas, à medida que nos aproximávamos de casa, reduzi a velocidade outra vez – com medo. A estrada, até onde minha vista alcançava, era um delgado lençol de água. Adiante, havia uma ponte sobre um córrego que, horas antes, nessa mesma tarde, ainda se encontrava completamente seco; agora, porém, a ponte mal emergia das águas revoltas e lamacentas carregadas pela força da enxurrada.



Cautelosamente, passei sobre ela, e depois, numa segunda travessia, o córrego Kockatea, a 20 minutos de carro da nossa fazenda. Durante a maior parte do ano, é uma vala seca e árida recortada na terra vermelha, mas agora, a estreita faixa de asfalto sobre a galeria pluvial estava completamente coberta pela água. *Estávamos bloqueados entre duas correntezas.* Voltei atrás lentamente e hesitei: a água à nossa frente seria demasiado profunda para se poder atravessar? Já ouvira dizer que pequenos regatos podiam se avolumar de um momento para o outro, arrastando tudo o que encontrassem no caminho, mas ali, os marcos de sinalização que ladeavam a estrada pareciam estar apenas poucos centímetros mergulhados na água. Se eu me conservasse sempre no meio da estrada, conseguiria passar a salvo o perigo da enxurrada.

Quando meti o enorme Ford pela rampa na direção da água, compreendi, embora tarde, que não tinha ligado importância à profundidade da água nem à velocidade da correnteza. Meu coração palpitava descontrolado. «Vá em frente!», balbuciei, segurando bem firme o volante. O motor, porém, se engasgou e o carro parou. Freneticamente, rodei a chave da ignição uma vez e outra, mas o motor não pegava. Então, senti o carro se mover alguns centímetros para o lado. Nesse momento, a água já subia assustadoramente.

Olhei de relance para as crianças estarrecidas, no banco de trás. Tínhamos de sair do carro imediatamente. Eu sabia que ali, do lado do motorista, a margem da estrada descia abruptamente para o rio, e podia ver as águas mergulhando nele em redemoinho. Então, deslizei pelo banco e tentei sair pela outra porta, que não consegui abrir devido à forte pressão da água! Com o coração em sobresalto, percebi que a única saída seria pela janela traseira lateral.

Saí com grande dificuldade e, água pelo joelho, puxei David pela janela. Apertando-o contra mim, trouxe-o para terra e voltei para apanhar Terry. Então, uma avalanche de água caiu sobre nós, arrastando-nos pela beira da margem para uma violenta catarata de lama avermelhada.

Felizmente, David agarrou-se bem ao meu pescoço e apertou as pernas em volta de minha cintura, abraçando-me como um macaquinho em pânico. Fomos tragados pela água, e eu senti os pulmões prestes a rebentar. Por milagre, voltamos outra vez à superfície. Fomos jogados para a margem do córrego, e eu me agarrei a uns arbustos quebrados e outros destroços. Com David ainda bem agarrado a mim, voltei-me e, na penumbra, vi o rosto assustado de Terry emoldurado pela janela do carro. Meio submerso, meio flutuante, mas ainda direito, o Ford ia sendo arrastado pela correnteza, balouçando com uma caixa de fós-

foros. Foi levado até uma curva do córrego e depois desapareceu.

Com David nos braços e tomada de pavor, corri ao longo da margem, tropeçando em troncos de árvores e raízes; enquanto as catatuas, gritando, esvoaçavam das copas das árvores. Alcancei a curva do rio, mas, do carro, nem sinal.

Ainda abraçada a David, corri até uma velha casa de fazenda utilizada pelos camponeses. Entrei de repente, gritando por socorro, mas a casa estava vazia. Afastamos as teias de aranha que se colavam aos nossos rostos. *Tenho de encontrar auxílio.*

Voltei outra vez à estrada, pés sangrando; tinha perdido as sandálias. David e eu tremíamos descontroladamente, em parte devido ao estado de choque. Já era noite quando chegamos à estrada — ao longe, avistei os faróis de um carro que se aproximava.

Era tia Grace, que voltava de Mullewa com o filho Gary e o sobrinho Max. Por entre lágrimas, contei-lhe minha história. Imediatamente, Grace decidiu levar-nos até Mullewa para pedir socorro. A enchente tinha começado a baixar. No entanto, quando ela virou o carro, este se atolou na lama à beira da estrada.

Os dois rapazes correram até a fazenda mais próxima, onde pediram auxílio a Wally O'Brien e à mulher, que vieram de carro. Levaram-nos até Mullewa e avisaram a polícia para que se organi-

zasse uma busca. Em sua casa, a enfermeira Helen Barden preparou-nos um banho bem quente, deu-nos roupas e nos injetou um sedativo.

Mergulhei num mundo irreal. «Bill», disse eu ao marido da enfermeira, «acha que Terry está bem?» Os olhos de Bill se encheram de lágrimas quando respondeu: «Dê graças a Deus por se terem salvado você e David.»

Agora, eu estava atormentada com remorsos. Como teria Terry se sentido ao ver a mãe e o irmão desaparecerem na enxurrada? E que diria meu marido? Com os telefones emudecidos pelo temporal, ele estaria sabendo o que nos acontecera?

Ken é um homem calmo e ponderado em quaisquer circunstâncias, mas, no estado de angústia e de choque em que me encontrava, eu imaginava que ele me culparia pelo que tinha sucedido. Meus pais levaram-me e a David para sua fazenda, perto do córrego. Ali, sob os efeitos do sedativo, caí exausta e mergulhei no sono.

Amigos e parentes, alguns vindos de muito longe, participaram das buscas durante a noite. Ken recebeu as notícias por intermédio de vizinhos que gritavam da outra margem do córrego inundado. Profundamente nervoso, Ken foi em busca de Terry, deixando alguns amigos a tomar conta de Paula, nossa filha.

Todos os homens das imediações participaram das buscas. As

reuniões daquela noite de sábado foram interrompidas logo que a polícia deu o alarme. As águas do córrego, nas proximidades da estrada principal, brilhavam sob as luzes dos carros e das lanternas. Na outra margem, porém, as terras alagadas eram inacessíveis.

Ken, a cavalo, havia já percorrido uma enorme distância ao longo do rio, quando notou algo brilhando ao luar. Equilibrando-se no tronco de uma árvore caída, para poder ver melhor, descobriu o teto do nosso carro aflorando à superfície das águas revoltas.

Alheio ao perigo, meteu-se dentro d'água e conseguiu subir para o carro. As águas redemoi-nhavam quase à altura do teto, mas Ken meteu o rosto pelo exíguo espaço que lhe permitiria respirar, procurando o corpo de Terry debaixo do painel de instrumentos e entre os bancos. Nada encontrou.

À medida que a noite avançava, as esperanças se desvaneciam. A cerca de 400 metros do carro afundado, o córrego desaguava num lago enorme. Os veículos não podiam atravessar, para que iluminassem as águas escuras e semeadas de arbustos onde a luz do luar não chegava. As pessoas que já haviam assistido a outras inundações violentas abanavam a cabeça em sinal de desespero. Na madrugada de domingo, as buscas foram interrompidas até o amanhecer. Contudo, muitos se recusaram a desistir, tal como Ken.

Tinham decorrido até agora 14 horas, desde o desaparecimento de Terry. As águas haviam baixado consideravelmente, mas ainda continuava a não haver sinais dele. Cada minuto parecia confirmar a perda que teríamos de aceitar. Naquela altura, eu ainda não sabia, mas em Mullewa, na igreja católica de Nossa Senhora de Monte Carmelo, já oravam pelo descanso da alma de Terry.

Nisto, das estradas às margens do rio, irrompeu um alarido de buzinas de carros. Era o sinal que se combinara para quando algo fosse encontrado. Aguardei, hirta de pavor, as terríveis notícias.

Lá fora, gritavam: «Já o encontraram! Já encontraram Terry são e salvo!»

Vivo! Ficamos estupefatos, incrédulos; depois, fomos invadidos por uma incontida alegria.

Terry tinha sido levado para casa da enfermeira, em Mullewa. Quando Ken e eu chegamos, estava sentado à mesa da cozinha, vestido com um enorme pijama de homem e devorando flocos de aveia, presunto e ovos. «Mamãe?», perguntou interessado. «Por que todo mundo está chorando?»

Muito mordido pelos mosquitos e com os pés inchados, Terry estava exausto – mas salvo, graças a Deus! Corremos para abraçá-lo e demos graças pelo que nos pareceu um verdadeiro milagre. Só através do relato confuso de uma criança de cinco anos, que viveu esses momentos, pudemos ter

uma idéia do que realmente se passou nessa dramática noite.

Enquanto eu corria com David ao longo da margem procurando o carro flutuante, Terry passou para o banco da frente «tentando dirigi-lo». Tinha ficado preocupado, principalmente porque não queria que a água lamacenta sujasse a forração nova dos bancos! Depois de bater em troncos e raízes, o carro parou finalmente de encontro a duas árvores caídas, onde Ken mais tarde o encontrou.

Terry se esgueirou pela janela e, agarrando-se ao trinco da porta para resistir à força da correnteza, apoiou os pés sobre um dos troncos. Agüentou-se ali até as águas baixarem o suficiente para se arrastar ao longo do tronco e chegar a terra firme. Depois, tentou ir para casa – mas na direção errada, pela outra margem do rio.

A caminhada que fez descalço foi impressionante. No dia seguinte àquele em que Terry foi encontrado, o fazendeiro Max Keeffe encontrou pequenas pegadas no barro próximo de um charco de onde ele estava puxando um carro atolado. Meu irmão Jim seguiu as pegadas por mais de 12 quilômetros!

A viagem sem rumo de Terry, que durou a noite toda, em busca de companhia e comida, começou no córrego. Uns seis quilômetros mais à frente, num terreno coberto de plantas espinhosas, o formato das pegadas mudou. Ele havia caminhado sobre os bordos laterais

dos pés. Em vários locais, marcas na lama indicavam que ele se tinha sentado para retirar os espinhos.

Descobrimos que Terry havia estado na casa abandonada para onde eu correria em vão, procurando socorros. Achou que podia pedir ali um copo de leite e biscoitos. Desiludido, continuou a caminhar. Quando viu luzes (dos carros que o procuravam) pensou que fossem de camponeses que andassem arando a terra, como freqüentemente costumavam fazer durante a noite, após uma chuvada. Terry disse que não os chamou pedindo ajuda por saber que deviam andar muito ocupados!

Supomos que dormiu no mato. Ao romper do dia, perambulava entre as pessoas da equipe de buscas, e acho que aqueles que o viram pensaram que ele fosse filho de alguém do grupo. No meio da confusão, ninguém se lembrara de dizer que procurassem um garoto de rosto sardento e cabelo ruivo; além disso, nenhuma daquelas pessoas esperava ver a criança sã e salva, passeando por ali.

O fazendeiro Andy Walker foi quem primeiro o encontrou. Terry aproximou-se da camionete de Andy, e só quando ele contemplava com ar esfomeado um pacote de sanduíches que estava no banco da frente é que o fazendeiro o viu e lhe perguntou: «Como é o seu nome?»

Assim que ouviu a resposta, entrou no carro e então começou a tocar insistentemente a buzina. ▲